

O RESGATE DE UMA GRAMÁTICA FILOSÓFICA OITOCENTISTA ESQUECIDA

Por Antonio Martins de Araujo

PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Quando em meados de 2004, Hilma Ranauro publicou, com o selo da Editora Gráfica Universal, seu ensaio *Significação e relação – a carga semântica dos elementos conectivos*, confrontando a Gramática Filosófica, de Jerônimo Soares Barbosa com aquilo que se convencionou chamar de gramática tradicional, declarei, alto e bom som, “ser-nos-á mais fácil e seguro apurar o quanto e em que nível de qualidade devem à Gramática Filosófica de Jerônimo Soares Barbosa não só os primeiros compêndios gramaticais daquele recém-independente Brasil, mas toda a bibliografia conhecida por gramática tradicional e por gramática científica brasileira.”

Desde então mergulhada nas lições de JSB e nos desdobramentos de sua obra não só em nosso país, mas também na pátria portuguesa onde foi gerada, HR produziu uma vasta e variada quantidade de ensaios que divulgou nos Congressos Internacionais de Linguística e Filologia. Refletindo demorada e criticamente sobre a fortuna crítica de uma obra que experimentou tanta longevidade, que sua *editio princeps* mereceu uma bem cuidada edição fac-similada, com eruditos comentários e notas por parte do sábio humanista lusitano Amadeu Torres em 2004, quando ainda este era professor catedrático da Universidade Católica Portuguesa, edição patrocinada pela Academia das Ciências de Lisboa, cujo presidente Doutor José V. de Pina Martins lhe fez uma breve e elegante apresentação.

A recente leitura do prefácio e das duas primeiras partes da competente exegese que a ensaísta Hilma Ranauro acaba de preparar da Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, de Jerônimo Soares Barbosa (1803), nos leva à convicção de que pouco restará a quem quer que se abalance a estudar a exemplar e pioneira obra portuguesa.

Nesse especializado setor da Filologia convém advertir para o fato de que nossa ensaísta “não é marinheira de primeira viagem”. É de 1988 sua obra *O falar do Rio de Janeiro – um estudo de caso*; de 1997, sua *Contribuição à historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil – Sílvio Elia e João Ribeiro*; e o ensaio inaugural de 2004 referido no início desta Apresentação. Escusado dizer que, em todos eles, HR se houve com muita propriedade dos temas e muita lucidez crítica.

Em nenhum deles, porém, penetrou tão extensiva e profundamente quanto o fez nos vários anos de dedicação empenhados no estudo da importante gramática de que se ocupou.

Esquadrinhou os postulados estabelecidos por JSB; examinou a intertextualidade da GFLP com suas antecessoras; levantou e situou a fortuna crítica dessa obra na Gramaticografia luso-brasileira; enfim, não descurou de nada que fosse relevante dessa pioneira obra científica lusitana.

Mostrou-nos, por exemplo, os pontos em que a obra em análise se afastou dos princípios emanados das obras gramático-filosóficas seiscentistas dos outros pioneiros tratadistas pertencente à confraria dos Solitários de Port Royal dês Champs. Referrimo-nos principalmente à *Grammaire Générale et Raisonnée* [...] escrita por Claude Lancelot em parceria com o teólogo e lógico Antoine Arnauld.

Sobreleva destacar que, a despeito de lembrar-lhe esta fonte, HR, no prefácio de sua obra adverte o leitor para a importância da atitude crítica de JSB, que “por vezes se afasta de algumas das propostas” daquela fonte gramatical francesa. A ensaísta, outrossim, no mesmo prefácio, insiste em que, acertadamente, JSB reflete sobre a questão do método por ele utilizado, a saber: regularmente parte da observação dos usos, normas e fatos ocorrentes tanto na linguagem oral quanto na escrita.

Mui acertadamente ainda, a filóloga relembra a presença dos postulados de JSB as primeiras gramáticas brasileiras, como as do latinista, historiador literatura luso-brasileira e gramático maranhense Francisco Sotero dos Reis, cuja preceptística tanto influenciou as gramáticas brasileiras de seu tempo.

Outra lúcida colocação do ensaio de HR é sua bem fundamentada e esclarecida crítica à utilização inadequada e discriminatória da expressão “gramática científica”, somente a partir de Júlio Ribeiro, como se as suas predecessoras não se estribassem também, para aquela época, em postulados rigorosamente científicos. Olhar-se com olhos atuais a fatos acontecidos há cerca de três séculos sobre ser um exercício vão de “discronia”, é também um atentado à verdade científica. Esforço inócuo e inconseqüente, de vez que, como nos ensinou o sábio Lineu, “a natureza não dá saltos”. A menos que se opere um adjutório inesperado da sorte, as conquistas de toda ordem se alcançam gradativa e penosamente através dos anos com muito esforço e dedicação dos que se empenham em concretizá-las.

Pelo tanto que somos devedores a seus ensinamentos nestes quase dois séculos de vida útil, é mais do que oportuna e enriquecedora de nossa cultura, quer do ponto de vista gramat5ical, quer do ponto de vista filosófico, a publicação do meticuloso e primoroso ensaio “Normas e Usos da Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, de Jerônimo Soares Barbosa”, da autoria da renomada educadora Hilma Ranauro, publicação a ser promovida preferivelmente por uma instituição portuguesa de cultura e educação do porte da Fundação Calouste Gulbenkian.

APRESENTAÇÃO

O professor Luiz Cesar Saraiva Feijó, como docente universitário da UERJ e da UFF, além de membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, sempre demonstrou gosto pela pesquisa linguística, com excelente base clássica, voltando o seu interesse para o amplo terreno da filologia. Exemplo de sua vocação para a pesquisa universitária se encontra nos seus livros, *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*, obra publicada pela UERJ, em convênio com Tempo Brasileiro, em 1994; e *Brasil X Portugal - um derby lingüístico*, obra resultante do seu último trabalho lexicográfico, realizado no Instituto de Letras da UERJ, após viagem a Portugal. A propósito desse último, publicado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (SBL), em 1998, já tivemos oportunidade de ressaltar o rigor científico da investigação realizada, após a distinção preliminar entre língua falada e língua escrita, para então abrir espaço para o estudo dos desvios lingüísticos na linguagem especial do futebol em Portugal. Na parte final da obra, estudam-se os estrangeirismos usados pela crônica esportiva portuguesa, apreciando-se os termos usados ou veiculados pela mídia, de 1938 a 1995. No presente volume, com o sugestivo nome FUTEBOL FALADO e sua dramática linguagem figurada, o professor Luiz Cesar Saraiva Feijó analisa, com segura descrição lingüística, a linguagem metafórica do futebol brasileiro e português, daí o título, como ele mesmo explica nas PALAVRAS INICIAIS.

Na Primeira Parte do livro surgem os textos que vão falar do futebol, em forma de crônicas. Em seguida, examina a matéria do ponto de vista dos conteúdos gramaticais, filológicos, lingüísticos e de comunicação, recorrendo sempre aos fundamentos da lingüística descritiva. A obra termina com uma bibliografia especializada sobre o futebol e uma bibliografia geral e básica sobre gramática, filologia, lingüística, sociologia e teoria da comunicação.

Vê-se ainda, pelas observações do autor, e isso desde as PALAVRAS INICIAIS e a INTRODUÇÃO, que os locutores de rádio e de televisão, além dos repórteres, são “os principais responsáveis pelo surgimento de termos e expressões, verdadeiros neologismos formais e conceituais, muitas vezes inusitados, que vão enriquecer o vocabulário e a gíria do futebol”. A rigor, poderíamos acrescentar que, aqui, ocorre o fenômeno de renovação e inovação lexicais.

Como se vê, o autor continua a estudar a linguagem do futebol do ponto de vista da criação verbal, procurando explicações (algumas certamente discutíveis, e é bom que sejam discutíveis mesmo) para certas falas especiais e gíria.

Em tudo isso, além do aspecto criativo da linguagem figurada do futebol, com análises de metáforas e metonímias, denotações e policonotações, tanto no Brasil como em Portugal, o livro põe em questão ainda alguns termos advindos por emprês-

timo linguístico, assunto discutido sem qualquer ranço purista ou vernaculista. Com visão moderna da questão, considera que tais empréstimos lexicais são apenas enriquecedores do nosso vocabulário, já que não são empréstimos de fonemas ou de morfemas gramaticais, mas simplesmente de palavras. E tais empréstimos linguísticos, por isso mesmo, não constituem nenhuma ameaça desarticuladora do nosso sistema linguístico, pois não alteram a estrutura da língua. A propósito, convém lembrar aqui o caso do romeno, que manteve o seu caráter de língua românica, apesar do abundante acervo que recebeu de palavras eslavas.

Daí se conclui que a tendência geral dos empréstimos é a adoção da fisionomia da língua que falamos, tendendo a desaparecer os que não se ajustam à sua estrutura e ao seu sistema. No próprio português do Brasil, por empréstimos de adstrato, o vocabulário se enriqueceu de palavras de origem indígena e africana, sem receber qualquer empréstimo de fonemas ou morfemas gramaticais ou flexionais. Antes mesmo de ser transplantada para a América, a língua portuguesa recebeu numerosos empréstimos carreados pelo latim vulgar, de procedência celtibérica e, mais tarde, dos povos germânicos e dos árabes, que invadiram a Península, antes da reconquista. Na realidade, a morfologia de uma língua - ao contrário do que se verifica com o seu léxico - é sempre um sistema fechado, repelindo o empréstimo de morfemas, o mesmo ocorrendo com o sistema fônico, que rejeita qualquer empréstimo fonemático. Por isso Darmesteter chegava a afirmar que um povo pode até mudar a sua sintaxe e o seu vocabulário. Mas, se os fonemas e os morfemas gramaticais não mudam, a língua permanece a mesma.

Em síntese, segundo Bloomfield, os empréstimos podem ser culturais ou íntimos. Os primeiros decorrem de relações culturais com outros povos, incluindo-se aqui os empréstimos linguísticos do futebol, enquanto os segundos são determinados - e não é este o caso focalizado neste livro - pela coexistência de dois idiomas num só meio social, servindo aqui de exemplo o contacto do galego com o castelhano, ao longo de vários séculos.

Em conclusão, na linguagem do futebol, os empréstimos são de natureza cultural e não de natureza íntima. E tendem, naturalmente, a ajustar-se à estrutura e ao sistema da nossa língua.

No que se refere à criatividade de termos e expressões na linguagem do futebol, são verdadeiramente fascinantes os estudos desenvolvidos, neste livro, pelo professor Luiz Cesar Saraiva Feijó, embora seja sempre possível e até desejável a discussão de uma ou outra hipótese per ele formulada. O fato é que o leitor muito se enriquecerá lendo este livro ou lendo, especificamente, as explicações nele oferecidas para a criação de termos e expressões, em geral com base metafórica, tal como, por exemplo, a expressão “*véu da noiva*”, analisada nesse livro. E isso, entre numerosas

outras, cuidadosamente estudadas, há muitos anos, e que respondem pelo fascínio da leitura das páginas que o leitor tem agora em suas mãos.

Leodegário A. de Azevedo Filho (Professor Emérito da UERJ, Titular da UFRJ e Presidente da Academia Brasileira de Filologia)

UM DEPOIMENTO EM PRIMEIRA MÃO

Luiz César Saraiva Feijó nos apresenta mais um livro que fala do futebol, o FUTEBOL FALADO. São muitas ideias, informações históricas e culturais apresentadas na PRIMEIRA PARTE, em forma de crônicas. Numa linguagem que oscila entre o jornalismo, a recensão e a narrativa acadêmica, o Professor Feijó nos mostra porque o futebol é um esporte que fascina todas as camadas sociais. Mostra quem é essa massa quase anônima que lota os estádios nos dias de grandes *derbys*. Discute como a crítica jornalística recebe as *firulas* dos craques, em jogos oficiais. Argumenta como se pode levar esse tema para toda espécie de público, de diversas faixas etárias, tratando-o com dignidade acadêmica, inclusive, e muito mais. Apresenta, ainda, a ligação entre o futebol e os diversos tipos de linguagem e também tece interessantes comentários sobre como, talvez, as futuras Copas do Mundo poderão ser disputadas.

O texto de seu trabalho mostra como os termos e expressões relacionados ao futebol passam do campo esportivo para a linguagem do nosso dia a dia. Explica tudo isso numa linguagem acessível a todos os torcedores interessados em descobrir as origens desses acontecimentos, muitas vezes inusitados.

As curiosidades sobre a bola aparecem em muitas partes de seu livro, principalmente quando apresenta os comentários filológicos sobre as Copas do Mundo de Futebol. São relevantes e interessantíssimas, pois comenta a origem dos nomes dos países que sediaram as competições, onde o futebol jogado encantou as plateias, numa sucessão de curiosidades que tendem a aumentar o repertório cultural do leitor. É mais uma forma que o Prof. Luiz César Feijó encontrou para unir situações que pareciam estar tão distantes umas das outras, como a bandeira da Suíça e a origem da organização humanitária *Cruz Vermelha Internacional*.

Suas fundamentações históricas e linguísticas estão sempre amparadas em autores e especialistas do mais alto reconhecimento das áreas envolvidas e suas explicações são pertinentes, levando o leitor a uma reflexão, mostrando, nitidamente, que a ciência tem um compromisso com o geral e não, somente, com o particular.

O livro pode ser considerado uma espécie de depositário de usos linguísticos da fala desportiva, cujas explicações e exemplificações se encontram diluídas e envolvidas num assunto temático do agrado de quase toda gente: o futebol. Os **Conteúdos Explicativos** (QUINTA PARTE) nos remetem às aulas de português dos bancos es-

colares, do antigo ginásio e científico, hoje Primeiro e Segundo Graus, quando aprendíamos o que era uma **metáfora**, uma **metonímia** ou mesmo um **eufemismo**. Revive-se esse momento das antigas aulas da língua pátria, sem a “decoreba” das definições, e muito menos com exemplificações literárias de obras que, quase sempre, o aluno jamais delas tomou conhecimento prático, isto é, nunca leu. Aqui não, quem lê o nome de uma figura de linguagem, por exemplo, que explica uma expressão do futebol, pode procurar o que significa – lá na QUINTA PARTE, **Conteúdos Explicativos** - que vai se lembrar e guardará para sempre o que significa, pela recorrência que o Prof. Feijó faz ao ambiente desse fabuloso esporte, que movimenta e encanta multidões.

Por tudo que de novidade aparece nesse livro de Luiz César Saraiva Feijó - FUTEBOL FALADO *e sua dramática linguagem figurada* - pode-se dizer que a obra tem todos os ingredientes para ser, efetivamente, adotada como livro paradigmático nas séries mais adiantadas do Segundo Grau, pelo menos. Terão os professores encontrado aqui um texto motivador e de excelência, para dar suporte à cultura geral e, especificamente, apoio às atividades extraclases no ensino da Língua Portuguesa. Vamos conferir.

Manoel Pinto Ribeiro

Doutor e Mestre em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro Titular da Academia Brasileira de Filologia.